

FUNK: NORMA LINGUÍSTICA E GÍRIA DE GRUPO

Fernando Leite Moraes

Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

Objetiva-se, com este estudo sobre letras de funk, definir o grupo social funk, além de explicitar a “norma” e a gíria que são elementos fundamentais para construção da linguagem no funk. Para tal análise, usaremos os textos de Preti, cujas obras são referências na explanação e clareza do tema “gíria”, de Coseriu, para esclarecer a questão da “norma” e suas variações, e de Horton & Hunt para esclarecer o que é grupo social.

Palavras-chaves: Funk. Grupo social. Norma linguística. Gíria de grupo. Sociolinguística.

*Quando falamos em gíria,
devemos ter presente
um fenômeno tipicamente
sociolinguístico...*

Dino Preti

NOÇÕES PRELIMINARES

O funk divide-se em algumas vertentes. São elas: Proibidão, que é o funk que faz apologia tanto a crime, drogas quanto apelação sexual; Melody, que é o funk mais popular, como Claudinho e Buchecha, Anita e Naldo, e que possui batidas de música eletrônica, batidas leves, com uma voz bem afinada e compassada; funk consciente, que surgiu de influências do RAP, e que visa a conscientizar o enunciatário dos problemas sociais e críticas ao governo; e, por fim, o funk ostentação que é a nova moda. A maioria dos mc’s segue o funk ostentação, que fala mais sobre marcas de roupas, veículos, casas luxuosas e mulheres bonita. Um elemento importante para que entendamos como se dá a organização do grupo funk é entender como um grupo social é formado, e quais as características que o grupo funk apresenta.

GRUPO SOCIAL

O grupo social surge a partir de interesses comuns, também diversos, e com características específicas que identificam o grupo como tal:

Na tensão entre o indivíduo e a sociedade, a divergência do universal e do particular implica, necessariamente, que o indivíduo não se insere de forma perfeita, na totalidade social, mas através de instancias intermediárias. Essas instâncias intermediárias são as que se encontram abrangidas pelo conceito de grupo (...). Contudo, tanto na sociologia como na linguagem comum, esse termo ainda não obteve um significado inteiramente definido. A palavra grupo, pelo contrário, é algo semelhante ao que a lógica da linguagem chama de expressão ocasional – isto é, um lugar vazio que, segundo o contexto de cada ocasião, se enche de diferentes significados. Sem violentar o sentido da palavra, podemos definir como grupo uma comunidade de interesses, como uma aglomeração casual de indivíduos, uma comunidade unitária no tempo e no espaço ou, pelo contrário, dispersa; uma comunidade cônica de si mesma ou apenas vinculada por algumas características objetivas. (Adorno & Horkheimer, 1978, p.25, apud, Leite, 2006, p.30)

Horton e Hunt, a respeito de grupo social, ensinam: *é qualquer número de pessoas que partilham de uma consciência de filiação e interação* (1980, p.128). O que nos faz deduzir que quatro pessoas em uma fila de supermercado não necessariamente formariam um grupo, porém, podem se tornar um a partir de uma conversa, uma luta ou qualquer contato semelhante. Um ônibus cheio de passageiros não seria um grupo, porque eles não tem consciência de interação entre si, simplesmente acontece de estarem no mesmo lugar ao mesmo tempo. É possível que a interação possa desenvolver-se durante a viagem e se formem grupos. (Idem, ibidem)

O essencial à formação de um grupo não é a aproximação física, mas sim, a interação conjunta, a troca de informação entre os participantes do grupo.

Oliveira (2006, p. 8), a respeito do assunto, esclarece:

Em uma sociedade encontramos diferentes grupos formados por indivíduos com ideias, gostos, ideais semelhantes. O estudo da maneira como os integrantes de um determinado grupo interagem permite-nos identificar de que forma as relações ocorrem e como seus membros enxergam o mundo que os cercam.

Os grupos dividem-se em **pessoais** e **externos**. Os grupos pessoais são aqueles a que pertencem: minha família, minha igreja, minha turma, minha profissão, minha raça, meu sexo, minha nação. Grupos que fazem com que eu sinta pertencente ao mesmo são grupos pessoais, que podemos utilizar os pronomes de posse ‘meu, meus, minha e minhas. Os grupos a que

não pertencem, por exemplo, outra turma, outra família etc., são denominados grupos externos. (Horton e Hunt, *ibidem*, p. 130)

GRUPOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS

Grupos primários são aqueles com os quais mantemos um contato mais íntimo com outras pessoas, conhecemos melhor os membros. Nesse grupo, as pessoas apresentam interesse umas pelas outras, pretendem conhecer melhor os membros do grupo por meio de contato mais íntimo, e um relacionamento um tanto informal e descontraído. Nos grupos secundários a relação não é íntima, algo que represente uma amizade, é formada por relações impessoais, as pessoas são desinteressadas umas pelas outras.

Horton e Hunt (1980) afirmam:

Grupos primários são aqueles nos quais ficamos conhecendo intimamente outras pessoas como personalidades individuais. Isso ocorre através de contatos sociais que são *íntimos, pessoais e totais*, porque envolvem muitas partes de experiência de vida de uma pessoa. No grupo primário, como a família, “panela” ou conjunto de amigos íntimos, os relacionamentos sociais tendem a ser informais e descontraídos. Os membros estão interessados uns pelos outros como pessoas. Confidenciam esperanças e temores, partilham de experiências, conversam agradavelmente e satisfazem à necessidade de companhia humana íntima. No *grupo secundário* os contatos sociais são impessoais, segmentários e utilitários. Não se tem interesse por outra pessoa como pessoa, mas sim como funcionário que está cumprindo um papel. (idem, *ibidem*, p. 134)

Leite (Id.–*Ibid.*, p.30) nos ensina que cada grupo desenvolve uma linguagem específica que diferencia um de outro, o que forma, dentro de uma sociedade maior como a nossa, vários grupos menores (advogados, médicos, professores, operários, estudantes, etc.)

A respeito do assunto, Horton e Hunt (1980) escrevem:

Um dos problemas mais importantes em qualquer grupo é a comunicação entre seus membros. A comunicação não é simplesmente uma questão da linguagem falada e dos tipos de material impresso ou audiovisual usado para transmissão de mensagens, ainda que possam ser dispositivos importantes. A comunicação é também uma questão de estrutura do grupo e da proximidade física e social de seus membros. Qualquer grupo precisa criar algum caminho para que seus membros partilhem de suas informações. (p. 139)

Percebemos esse desenvolvimento no grupo funk: o desenvolvimento de uma linguagem específica para si, como uma maneira de proteção de outros grupos sociais, os grupos elitizados que, geralmente, excluem os grupos sociais desprovidos de poder econômico. Com toda a explicitação feita acerca do assunto *grupo social*, podemos classificar o *grupo funk* como *pessoal e primário*, pois se trata de um conjunto de jovens com uma relação íntima e informal entre amigos que compartilham seus anseios, suas esperanças e angústias.

NORMA

Por meio da língua é que mantemos o contato com o mundo que está ao nosso redor. O que não é diferente com o grupo funk. Entretanto, para que a comunicação seja concluída, compreendida, há uma organização prévia da linguagem de acordo com a *norma* utilizada pelo funk, ou seja, as leis que organizam a linguagem do grupo social:

Nas grandes civilizações, a língua é suporte de uma dinâmica social que compreende não só as relações diárias entre os membros da comunidade como também uma atividade intelectual que vai desde o fluxo informativo dos meios de comunicação de massa até a vida cultural, científica ou literária.

A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em *signos*, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística.

Entendida como manifestação da vida em sociedade, o estudo da língua pode ligar-se à sociologia, abrindo-se, a partir daí, campos novos de pesquisa, em especial o da sociolinguística. (Preti, 1994, p.12)

A linguagem de um determinado grupo é o que o caracteriza como tal. Ela se manifesta por meio de diversas utilizações em diversas situações. A variação linguística, com base na Sociolinguística, é, por vezes, a identidade de cada comunidade linguística.

O problema das variedades linguísticas, no plano diatópico ou diastrático, nos levaria a pensar em como certas variações da linguagem se instalam em determinados grupos, identificando-os e diferenciando-os de outros grupos. Daí surgiria a interrogação de como surgem e se mantêm as “leis” linguísticas, fixadas na consciência coletiva dos falantes, fruto de comportamentos linguísticos que guardam sua unidade através das gerações e se revelam como ideais para atender às necessidades de comunicação dos grupos sociais. Em suma, por que os falantes de um grupo social falam

habitualmente de um mesmo modo, mantêm esses comportamentos através das gerações, como se houvera uma verdadeira “lei” ou norma que lhes indicasse a melhor maneira de comunicar-se dentro de seu grupo geográfico e social. É o fenômeno que se estuda sob a designação de *norma linguística*. (Id., Ibidem, p. 47)

Os falantes de determinada comunidade linguística tendem a absorver “leis” ou normas que indiquem um mesmo modo de comunicação. O que faz com que o grupo consiga se comunicar é a norma, ou leis que regem o sistema linguístico. É o que regula a linguagem para que a comunidade linguística se compreenda entre seus falantes.

Nos vários grupos sociais, a tendência para uma diversificação maior nos *atos de fala*, prejudicial do ponto de vista da comunicação, é contida pelo que chamamos de *usos* ou *normas* linguísticas. Para entendermos seu conceito, devemos lembrar que cada falante atua de acordo com certos comportamentos linguísticos constantes na comunidade em que vive e eleitos como ideais para comunicar e transmitir as informações necessárias nos vários momentos de sua vida em comum. Esses hábitos linguísticos coletivos, em constante mas lenta renovação, ganham gradativamente força de convenções tácitas, leis, admitidas pela maioria e conservadas através das gerações com características prescritivas. Constituem os *usos* ou *norma*, todos concordam quanto ao seu caráter social, visando aos interesses da comunicação no grupo. (Id., Ibidem, 1994, p.49)

Ou seja, conforme o *uso* da linguagem pelo grupo, ela se transforma em *normas* que ordenarão a organização da comunicação no dia a dia. São perceptíveis alguns usos tidos como norma no funk. Por exemplo, a gíria que é constante no repertório do grupo social funk. A utilização desses fenômenos da linguagem é quase que obrigatória nas construções de frases proferidas pela comunidade linguística funk. Conforme a utilização na comunicação do dia a dia, um tipo de norma começa a se unificar com suas especificidades.

Leite (2006, p.29), a respeito do assunto, também deixa claro que o conceito de norma se dá pela utilização:

Como a língua é uma instituição ideológico-social disponível ao homem, ele procura tentar adequá-la, do melhor modo possível, aos seus interesses. Isso permite que, por meio dela, possa tanto posicionar-se diante dos fatos físicos, biológicos e sociais, quanto conhecê-los.

Surgem, assim, as diferenças. São vários e diversos grupos de pessoas que usam de modos diferentes a língua, cada um tentando fazê-lo da maneira mais adequada e própria a seus interesses e conhecimento. Da verificação da variabilidade, surge a necessidade da explicação e defesa de um uso linguístico, em detrimento de outro. Forma-se uma metalinguagem para defender, ou acusar, um determinado uso.

Coseriu (1979, p.69) nos ensina que a norma pode coincidir aparentemente com o sistema (quando o sistema oferece uma única possibilidade), assim como a realização individual pode coincidir com a norma, mas isto não significa que se possa deixar de distinguir os dois conceitos, que se referem a distintos planos de abstração. E esclarece que não se trata de norma em um sentido imposto como critério de correção de valoração subjetiva do expressado, mas de uma norma comprovável numa língua, a norma que utilizamos por fazer parte de uma comunidade linguística, e não a que deve reconhecer se falamos bem ou de modo exemplar na comunidade de fala. A norma que se refere é o que se fala e não o que se deve dizer; os conceitos de oposição à norma devem ser; normal e anormal, e não certo ou errado, incorreto ou correto.

Com efeito, os atos linguísticos são atos de criação inédita, porque correspondem a criações inéditas, mas são, ao mesmo tempo – pela própria condição essencial da linguagem, que é a comunicação –, atos de re-criação; não são invenções *ex novo* e totalmente arbitrárias do falante, mas se estruturam sobre modelos precedentes, que os novos atos contêm e, ao mesmo tempo, superam. Ou seja, o falante utiliza, para a expressão de suas intuições inéditas, modelos, formas ideais que encontra no que no que chamamos “língua anterior” (sistema precedente de atos linguísticos). Ou seja, o indivíduo cria sua expressão numa língua, fala numa língua, realiza em seu falar moldes, estruturas da língua de sua comunidade. (Coseriu, 1979, p.72)

Em suma, Coseriu (1987, pp.13-85, apud Leite, 2006, p.29) nos explicita o que é norma com sua tricotomia sistema/norma e fala: “A língua é um sistema, um conjunto de possibilidades que se oferece ao falante; a norma é a regulamentação social do sistema e, portanto, não se oferece ao falante, mas se impõe a ele; a fala é a atualização do sistema e da norma”. Considerando a norma como regulamentação social, “é correto afirmar que vários grupos sociais, usuários de um determinado sistema, têm a normas diferentes, em razão de seus hábitos próprios. Assim concluímos que a norma varia de grupo para grupo”(op. cit. 2006, pp.292-30).

A norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua. A própria sociedade se encarrega de preservar o *uso*, que ela própria estabeleceu. Grande é a preocupação, em todos os níveis da comunidade, em sujeitar-se a esse acordo tácito comum, de tal forma que estamos constantemente, em termos de língua, à procura de saber o que é certo ou errado, o que se pode ou não se pode dizer.

A acomodação do indivíduo a uma *norma* linguística pode leva-lo, em tese, a um condicionamento na própria articulação de seus pensamentos e, de

certa forma, a um condicionamento do próprio pensamento. Rigorosamente, não há muitas maneiras de se dizer uma mesma coisa na comunidade. Apesar do aspecto individual, a *fala* comum tende a evitar a diversidade (porque prejudica a comunicação), suprime sempre que possível a *escolha*, unifica as variedades sinonímicas, repudia a expressão preciosa. Seu ideal é exprimir cada coisa de uma só maneira. (Preti, Ibid. p.51)

Como afirma Coseriu, a norma possui variantes, não é unificada como se espera. Cada norma possui suas especificidades, suas leis que regulam a linguagem utilizada pela comunidade linguística. Preti reafirma o dito por Coseriu e classifica as normas como *culta/padrão, popular e vulgar*:

Poderíamos dizer, então, que existe uma ‘‘variedade na uniformidade’’ linguística. As tendências unificadoras, num plano mais amplo, acabam por fragmentar-se em tendências unificadoras menores.

Uma entidade culturalmente superior, que poderíamos chamar *norma culta*, representa o ideal linguístico da comunidade. É a *norma-padrão* que regula a linguagem falada das pessoas cultas, além de constituir um veículo de todo um complexo cultural, científico ou artístico que se realiza através de sua forma escrita. É a norma tradicionalmente ensinada pela escola, embora hoje se pense que a função do organismo escolar não seja substituir no aluno a *norma popular* que ele já traz com sua linguagem falada, pelos modelos da *norma culta*, mas sim de mostrar-lhe que ambas podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, conforme circunstâncias.

Seguem, em geral, as regras da *norma culta* os falantes de boa cultura, em suas conversas com ouvintes do mesmo nível, em especial quando se trata de temas dissertativos, exposição de ideias ou conferências, aulas universitárias, discursos, reuniões formais etc.

Uma vez descrita pelos linguistas, esta norma padrão poderá auxiliar na reformulação das gramáticas da língua, pelo menos no sentido de servir de contraponto às regras baseadas exclusivamente nos exemplos escritos dos grandes escritores do passado. É a norma de maior prestígio.

Em oposição a ela, no outro extremo, teríamos a *norma popular* ou subpadrão, cujos preceitos regulariam a linguagem dos falantes de menos cultura ou daqueles que utilizam uma linguagem mais simples em situações coloquiais. Os princípios da *norma popular* compõem uma verdadeira gramática popular e implicam uma simplificação considerável da gramática culta, num uso muito grande de elementos afetivos, numa pronúncia menos cuidada, num abundante vocabulário gírio e outros elementos afetivos, numa pronúncia menos cuidada, num abundante vocabulário gírio e outros elementos afetivos da língua e, em geral, revelam uma menos dose de reflexão na escolha das formas linguísticas pelo usuário.

Numa escala cultural decrescente, poderíamos chegar até a falar num *norma vulgar*, que regularia a linguagem das pessoas analfabetas, dos marginais (ou daqueles que se querem fazer passar por tal), enfim de pessoas de cultura inferior, vindas das classes economicamente mais baixas. A distância em relação à gramática culta seria ainda maior, porque a *norma vulgar* se apresenta excessivamente simplificada nos mecanismos da língua, sofrendo a ação decisiva da analogia. Perdem-se muitas flexões e marcas (o verbo, por

exemplo, se reduziria, basicamente, a duas pessoas na sua flexão: *eu falo / tu, você, nós, vocês, ele, eles* fala). Por essa e outras razões, não raro, a informação é deficiente ou apenas apreendida por pessoas da mesma condição cultural. (Preti, *ibidem*, p.56)

Assim, podemos, de acordo com as classificações de Preti, denominar a norma do funk. As normas que regulam o funk ficam entre a *popular* e a *vulgar*. O funk regido pela *norma popular* seria o funk melody, cujo trabalho nas letras é mais cuidadoso, com esquema de rimas e conteúdo sem apologias. Já a norma que rege os funks ostentação e proibidão é a *vulgar*, pois é a norma que se apresenta simplificada, não utiliza muitas flexões e marcas. Com marcações de plural apenas nos artigos (as *novinha...*), flexão verbal reduzida à 3ª pessoa do singular (*nós é*) constatamos que as normas popular e vulgar são regentes da organização na composição das letras e falas da comunidade linguística funk:

Note-se que quando falamos em gramática *culta, popular, comum, vulgar* etc., queremos referir-nos a uma concepção social de gramática e pensamos tão somente num conjunto de regras que estaria na mente do falante, embora nem sempre ele tenha consciência disto, e do qual ele se serviria ao expressar seus pensamentos. São realmente conjuntos de preceitos linguísticos, convenções tácitas, admitidas e prestigiadas pela maioria como ideais para o processo comunicativo, através da linguagem. Por outras palavras, são *normas linguísticas*. (Id-*Ibid*, p.57)

GÍRIA

Do ponto de vista do vocabulário, a gíria é uma característica fundamental na comunicação dos funkeiros.

Grosso modo, podemos denominar a gíria como um vocabulário efêmero, algo que está em constante mudança e, por isso, o uso e as escolhas sempre estão mudando em um tempo muito curto:

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões... (Preti, 2004, p.66)

Ou seja, a gíria de grupo é um vocabulário restrito, pertencente a um respectivo grupo, e quem não faz parte desse grupo, um não iniciado, não compreende o que se fala no grupo:

A gíria de grupo é usada por falantes que pretendem comunicar-se com seus interlocutores, sem serem entendidos por outros que não pertencem ao grupo. Preservando portanto, a significação dos vocábulos, a gíria torna-se uma linguagem secreta, somente compreensível aos iniciados. (Idem, Ibidem, 2004, p.67)

Podemos notar essa criptologia em algumas gírias utilizadas no funk, incompreensíveis aos não iniciados. Por exemplo, a gíria *bandida*, que significa a mulher mais paquerada da festa. Para uma pessoa não iniciada pode parecer que se fala de uma transgressora da lei, mas na verdade a mulher é denominada *bandida* por prender a atenção dos homens na festa, “roubar a cena” como dizem os mc’s. A linguagem gíria utilizada pelo grupo social funkeiro, para os não iniciados ao grupo, pode até parecer uma língua estrangeira.

A gíria de grupo é uma das perspectivas da gíria, outra é a da gíria comum

que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial. (idem)

Com a propagação do vocabulário, a gíria deixa de ser criptológica, algo que somente o grupo que a profere entende, e passa a ser utilizada como vocabulário popular. Podemos notar, por exemplo, a gíria *mina*, que não é mais uma gíria de grupo, criptológica, e sim um vocabulário considerado popular atualmente.

Depois de explicitados os conceitos sobre gírias, vamo-nos ater apenas às gírias de grupo, consideradas criptológicas, pois as vulgares já fazem parte do vocabulário comum, de fácil acesso aos grupos sociais.

Analisaremos 8 letras dos Mc’s: Guimê Dede e Nego Blue com enfoque nos signos de grupo.

Em uma música do Mc Guimê, o título já nos intriga, perante o grupo social do qual participamos. Quando ouvimos *Plaque de 100* podemos classificar como gíria de grupo, já que não é uma gíria vulgar. *Plaque de 100* significa notas de 100 reais: *contando os plaque de 100*.

Depois encontramos a expressão *toca nave no rasante*, uma expressão gíria que significa sair com veículo em alta velocidade:

Toca=sair nave=carro rasante=velocidade

Na continuação da leitura temos *nois é os pica de verdade*. No funk *os pica* significa os poderosos, os bons no que fazem, os melhores. Observa-se que a questão do poder se relaciona ao órgão genital e masculino:

Nois é os pica= somos os melhores

E os zé povinho que olha (Os incomodados que olham/invejosos)

Entramos, por último, na expressão *fala mal da picadilha*, que significa *fala mal da minha atitude, da minha ação*.

Picadilha = atitude/ação

Nas letras de músicas do Mc Dede percebemos as seguintes ocorrências de signos de grupo:

Pani na nave

Pani na nave = relação sexual no carro

Ela rouba a cena é a mais gata (roubar a cena = ser o/a mais paquerado/a do baile)

Ela rouba a brisa é um tumulto (roubar a brisa = ser mais paquerada/ observada no baile)

Ela causa vulco-vulco (vulco – vulco = emoção)

Ela quebra ela quica (Quebra e quicar = dançar)

Ela me falou suave braite (Suave braite = estar tudo bem com a pessoa que fala)

Rolê de Hayabusa

Vem dá um rolé de hayabusa (rolé = andar/ hayabusa = marca de moto)

no camarote só as top de elite (top de elite = as mais belas do baile)

nóis porta o kit (portar o kit = utilizar roupas boas e da moda)

As minas do camarote

as bandida se esfregando no ferro do camarote (as bandidas = as mulheres mais paqueradas/
mais belas = que roubam a cena)

bandida intelectual (bandida intelectual = bela e inteligente)

top nacional (topo nacional = mais bela do Brasil)

Socialight

ela é top socialight (topo = bela/ socialight = entrosada com os grupos de jovens)

fala que é nóis que tá suavebrayt

Ela é Ed Hardy (Ed Hardy = marca de roupa)

Eu Aeropostale (Aeropostale = marca de roupa)

Eu de 212 (212 = marca de perfume)

Ela de Ferrari (Ferrari = marca de perfume)

Ela brisa (brisar = olhar)

ela passa com a nave (nave = carro/ automóvel)

Mc Nego Blue

As minas do kit

Se liga só no naipe dessas minas (naipe = estilo)

forga de camaro, audi e capitiva (forga = passeia de)

Pesada de kit (pesada de kit = com roupas da moda)

chama as amigas, bate no radio... (bater no rádio = ligar para outra pessoa)

só tem as mentes blindadas (mentes blindadas = mulheres difíceis de convencer)

joga o cabelo, pique a dama de vermelho (pique = semelhante/ estilo)

Essa é as mina zika da balada (mina zika = mulher bela/ bonita no baile)

Bataclan

Já naquele pique botei um perfume (naquele pique = com empolgação)

vem pro bataclan (bataclan = grupo)

É o fluxo

É o fluxo vem (fluxo = baile/ show)

Nóis dá condição pras bandida (dar condição = sustentar os almejos das mulheres)

As garrafas já tá garantida (as garrafas = as bebidas)

Cordão de ouro, Armani e Juliet (Armani e Juliet = marca de roupas e acessórios)

no lábio o couro vai ‘cumê’ (no lábio o couro vai cumê = beijo)

Menino do morro

É no mundão aonde você planta para depois você colhe (mundão = vida desregrada/ rua)

Estou no meu corre (meu corre = minhas tarefas)

meu adianto (meu adianto = minha tarefa/ minhas ações/ atitudes)

pouco a pouco ganhei meu espaço (ganhar espaço = ser reconhecido perante o grupo)

hora do cheque mate (cheque mate = acerto de contas/ hora da morte)

E no alto do morro menino do torro (menino do torro = pessoa com boas condições financeiras)

meter o asso (meter o asso = roubar alguém/ matar)

mais um loco a procura do torro (procura do torro = a procura de alguém para roubar)

menino do morro (menino do morro = pessoa de periferia/ comunidade)

lembrança do verme safado (verme safado = policial)

a vida é bandida e o jogo é bruto (vida é bandida = que tira a vida dos amigos/ mais próximos)

Ela ta nas pistas por dinheiro (Estar na pista por dinheiro = interesseira do baile)

respeito de sua guerreira (sua guerreira = sua mãe)

Nego Blue é a voz da favela (voz da favela = representante da comunidade)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos, após as análises, que o grupo social funk utiliza-se de signos de grupo para que flua a comunicação entre o grupo social. A gíria de grupo, como já esclarecido, tem como objetivo se afastar da linguagem de quem não participa do grupo específico. O grupo funk é um grupo de jovens que geralmente são excluídos por outros grupos, isso por conta das

condições sociais e econômicas dos jovens que integram esse grupo. Assim sendo, a gíria, além de ser uma forma de aceitação no grupo, também é uma forma de se proteger dos grupos excludentes e elitizados.

Conforme a utilização da linguagem pela comunidade de fala funk, percebemos uma *norma* do grupo. Esta *norma* representa as leis que regulam a linguagem utilizada pela comunidade funk. Em suma, o grupo funk é um *grupo pessoal e primário* que utiliza vocabulário criptológico para se comunicar e também possui uma norma específica reguladora da linguagem. As gírias criptológicas e a norma do funk dão prestígio e valorização aos membros do grupo funk.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1986.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo, 1979.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- HORTON, Paul & HUNT Chester L. *Sociologia*. Mcgraw-hill, 1980.
- LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e Liberdade*. São Paulo: Ática, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita - atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. Trad. De L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.
- OLIVEIRA, Adilson Silva. *Metáforas em campo: O futebol e sua plurivalência metafórica no jornal Agora São Paulo*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP: 2005.
- OLIVEIRA, Maria Luciana Teles de. *A gíria dos internos da FEBEM*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP: 2006.

PERINI, Mario Alberto. *A Gramática descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 1996.

PRETI, Dino. (org.) *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.

_____ *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____ *A gíria e outros temas*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.

_____ *A linguagem proibida*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação. Uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2000.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SITES

<http://www.vagalume.com.br/>

ABSTRACT

The objective is to, with this study of letters of funk, funk define the social group, explain the "standard" and slang that are fundamental to the construction of language in funk. For this analysis we use texts Preti, whose works are references in the explanation and clarity of the theme "slang", of Coseriu, to clarify the issue of the "standard" and its variations, and Horton & Hunt to clarify what "social group".

Keywords: Funk. Social group. Linguistic norm. Slang Group. Sociolinguistics.

Envio: Março/2014
Aprovado para publicação: Maio/2014